

**PODER, TERROR E GUERRA:  
METÁFORAS CONCEPTUAIS  
JUSTIFICANDO EVENTOS BÉLICOS**

Sérgio Nascimento de Carvalho (UERJ/EN/FCCAA)  
[ser.carvalho@terra.com.br](mailto:ser.carvalho@terra.com.br)

Até recentemente, a metáfora não era vista como um tropo de interesse por muitos estudiosos. O seu estudo estava muito voltado por aqueles que se interessavam mais pela retórica e a poética.

Mas foi Black (1962), com a *Teoria Interacional da Metáfora*, onde a *fonte* quanto o *alvo* da metáfora interagem para criar uma nova realidade de mundo que podemos ter semanticamente uma metáfora produtiva que gera um novo conhecimento.

Entretanto, foi em 1980, que o estudo da metáfora teve uma visão mais abrangente com a obra de Lakoff e Johnson, segundo vários estudiosos (Steen, 1994; Kövecses, 2002). Foi a virada *cognitiva* do estudo da metáfora. Era a visão linguístico-cognitiva (Kövecses, 2002, p. VII). Segundo Zanotto e al. (2002), era “uma operação cognitiva fundamental”. A metáfora passa a ser uma questão de pensamento e ação. Segundo Lakoff e Johnson, a metáfora está no nosso cotidiano; o nosso sistema conceptual é metafórico. Steen (*ibid*) diz que houve consequências significativas para o tropo. Ela deixa de:

- 1) ser um desvio de linguagem ou algo a ser evitado na linguagem
- 2) ter contornos claros e definidos; e seu estudo passou da metáfora como expressão meramente linguística para a metáfora como fenômeno de cognição;
- 3) ter um papel ornamental dentro da linguagem, passando a desempenhar um papel central.

Este trabalho, um recorte da minha tese de doutorado “A” guerra “nas palavras: a metáfora conceptual na retórica do presidente G.W. Bush Jr e de seus colaboradores” (UFF-2006), pretende mostrar metáforas e cenários (Mulsolff, 2004) que determinam o corpus da pesquisa em relação à persuasão de G.W. Bush e seus aliados nas pre-guerras do Afeganistão e Iraque, com o intuito de levar a sociedade americana e, posteriormente, ao mundo, que os atentados de 11

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

de setembro de 2001 deveria ter uma resposta bélica. A título de ilustração, estamos falando da metáfora conceptual *nação é pessoa* e o sistema metafórico do *conto de fadas da guerra justa* e os seus sub-cenários. A noção de cenário surgiu como um elemento importante na análise do discurso do presidente Bush e seus colaboradores para justificar as eventuais guerras do Afeganistão e do Iraque.

Antes de aprofundarmos no trabalho, é interessante definir o termo “cenário” dentro desse estudo da metáfora. Alertamos, também, que dado as restrições da natureza desse gênero, artigo, apresentaremos um número reduzido de exemplos.

A categoria de cenário é apresentada como uma unidade analítica intermediária entre o nível do domínio conceptual como um todo e seus elementos individuais (ibid). Cenário, ainda, segundo o autor, é um conjunto de deduções construídas/idealizadas por membros competentes de uma comunidade discursiva sobre aspectos prototípicos (participantes, papéis, enredos “dramáticos”) e avaliações sociais/éticas relacionadas aos elementos característicos de domínios conceptuais. Essa categoria, assim, é usada para capturar o nível do subdomínio das estruturas conceptuais (ibid). Já Lakoff (1987, p. 285-6) define cenários como “modelos cognitivos idealizados”. O autor utiliza esse conceito, agregado ao de “sistema metafórico”, para sistematizar o enquadramento conceptual subjacente ao discurso por G. W. Bush (pai), na Guerra do Golfo, em 1990 (Lakoff, 1991). No caso, Lakoff se apropria do sistema metafórico (uma “macro-metáfora”) *conto de fadas*, cuja estrutura se enquadraria à situação do Golfo. Essa mesma metáfora é identificada em nosso corpus, uma vez que a justificativa das guerras do Afeganistão e do Iraque se faz viável por meio do preenchimento dos cenários pelos elementos da narrativa do Conto de Fadas: o vilão, o herói, a vítima e o crime (a serem referidos na análise como “sub-cenários”).

Musolff (2004) argumenta que nem sempre todos os aspectos de um cenário necessariamente precisam ser preenchidos. A título de ilustração, os cenários de *pais* e *filhos* (no contexto dos diferentes países que configuram a atual União Europeia) na metáfora *nação é pessoa*, determinados aspectos ficam abertos: os filhos da família europeia, por exemplo, podem ter somente um dos pais, ou somente

pais e não mães, ou, até mesmo, nenhum pai possivelmente identificado, como mostram os seguintes exemplos:

– (...) the great dream of the *founding fathers* of the original European communities (...). / (...) o grande sonho dos *pais fundadores* das comunidades europeias originais (...).

É interessante ressaltar que a categoria de cenário não é contrária, de forma alguma, a categoria ou teoria da metáfora conceptual. Ela é também compatível com a teoria de “blending” (um cenário consiste de um conjunto de espaços mentais). Sua característica marcante é que ela está relacionada a um texto empiricamente observável e testável retirado de um corpus tanto especial quanto geral. Assim, “cenários metafóricos” são categorias conceptuais tal como esquemas, domínios, etc., mas podem ser observáveis ao em vez de depender somente da abstração teórica (ibid).

A categoria “cenário” mostra-se, assim, apropriada aos objetivos de nossa pesquisa por contemplar o fato de que há padrões conceptuais e configurações, como deduções sobre determinados participantes (presença de personagens), papéis e ações a serem tomadas (ibid), complementando, assim, o sistema metafórico responsável pelos aspectos cognitivos e discursivos presentes na retórica do presidente Bush e de seus colaboradores.

A análise dos dados indicou um re-enquadramento conceptual, linguisticamente marcado, dos acontecimentos de 11/09: de *crime* para um *ato de guerra*. Essa conceptualização desencadeou um cenário mais amplo: um “estado de guerra” que, por sua vez, legitimou a possibilidade de uma ofensiva militar, também justificada pelo sistema metafórico “Conto de Fadas”.

A hipótese que surge como consequência deste estudo é a de que esta metáfora licencia vários enquadramentos de eventos específicos como “guerra” para criar na comunidade um sentimento de unidade (como o de patriotismo que normalmente acompanha uma guerra) para que uma determinada (re) ação possa ser justificada e “abraçada” pela mesma comunidade. Um exemplo ilustrativo, não desenvolvido neste estudo, é a campanha discursivamente promovida como “guerra ao mosquito da dengue”, lançada, recentemente, no Estado do Rio de Janeiro: o inimigo, o mosquito da dengue, ameaça à nação como um inimigo. Dessa forma, há de se mobilizar a popu-

## QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

lação para adotar “estratégias de guerra” e se defender e atacar (combater) tal inimigo.

### NAÇÃO É PESSOA

Uma das metáforas conceptuais que mais se faz presente no discurso político é NAÇÃO É PESSOA (Lakoff, 1991; Rohrer, 1995, p. 117). Ela domina o pensamento da política internacional. É compreensível que assim o seja, pois organizações de todos os tipos tendem a ser personificadas. O discurso jurídico fala de corporações como “pessoas legais”. Uma vez que os Estados se tornaram a forma mais poderosa da organização política e têm suas origens na força do indivíduo, não surpreende que essa metáfora seja encontrada. (Chilton e Lakoff, 1995, p. 37). Cabe ainda observar que esse tropo pode ser visto com uma metonímia por muitos, mas que, no caso da política internacional, ela se configura como metáfora (Lakoff, 2005; Rohrer, 1995).

Lakoff (2005, p. 01) alerta que *nação é pessoa* é uma metáfora persuasiva, poderosa e faz parte de um elaborado sistema metafórico. Ela é parte de uma metáfora da comunidade internacional (povoada por *nação-pessoas*), em que as nações amigas se engajam em relacionamentos sociais do tipo: nações hostis, amigas, estados desonestos, etc. Estados também são vistos como tendo personalidades: eles podem ser confiáveis ou não, agressivos ou pacíficos, estáveis ou paranóicos, cooperados ou intransigentes, empreendedores ou não (Chilton e Lakoff, 1995, p. 39). Esta metáfora está imbuída da noção de interesse nacional: assim como é do interesse de uma pessoa ser saudável e forte, é também do interesse da *nação-pessoa* ser economicamente saudável e militarmente forte. É este o significado de “interesse nacional”. Entendo que esta metáfora é usada pela administração Bush e colaboradores externos com a finalidade de dar e encorajar apoio à sua política, fortalecer e reforçar uma imagem do inimigo.

É muito comum atribuir à *nação-pessoa* desejos naturais, tais como desejar que os outros sejam como nós mesmos. Ainda dentro dessa concepção de *nação é pessoa*, experiências culturais específicas podem contribuir para o domínio-fonte dessa metáfora. Nos Es-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tados Unidos, a comunidade mundial é frequentemente conceptualizada como um tipo de cidade fronteira, com estados cumpridores de leis (o próprio Estados Unidos aliados aos países por eles favorecidos) e estados marginalizados (talvez “loucos”, “selvagens”, “irracionais” etc.).

A política estrangeira vê a saúde de um “estado-pessoa” em termos de riqueza nacional e a força do estado-pessoa como força militar – em vez de, digamos, a saúde ou bem-estar de seus cidadãos individualmente.

Assim, esta metáfora possibilita que a guerra seja um ajuste de contas, a partir de um desequilíbrio moral por parte de um determinado Estado, apoiando, assim, a legitimação da guerra.

A transformação dos Estados Unidos em estado-pessoa reforça o sentimento de identidade nacional da sociedade americana. Essa metáfora, de base ontológica, estabelece uma relação entre o domínio fonte (a pessoa) e domínio alvo (o Estado). O Estado, como uma pessoa, se comporta como qualquer ser humano. Ele está sujeito às mazelas da vida, e, assim, torna-se a vítima principal dos atentados.

– “Today America has experienced one of the greatest tragedies...”  
(John Ascroft, Ministro da Justiça)<sup>81</sup>

“Hoje a América sofreu uma das maiores tragédias...”

Essa condição de humanização de uma nação, como vítima, faz com que esta tenha amigos, vizinhos, inimigos, etc. que se solidarizam com sua dor:

– “He said that Italy was with America in its sorrow and would be with America in its response.” (Silvio Berlusconi, Primeiro Ministro da Itália)<sup>85</sup>

“Ele disse que a Itália estava com a América na sua dor e estaria com a América na sua determinação”.

---

<sup>81</sup> NYT, National Desk, *A Day of Terror: Verbatim; Bush Aides Speak Out On Attacks*, 12/09/01 (Late edition – Final, Section 4, Page 4, Column 6).

<sup>85</sup> NYT, National Desk, *A Day of Terror: The World's Reaction; European Nations Stand With U.S., Ready to Respond*, 12/09/01 (Late edition - final, Section A, Page 23, Column 3).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

A nação-pessoa, uma vez tendo os seus interesses violados, tem o dever de se defender. Assim a vítima torna-se o herói:

– “*America has stood down* enemies before,...”. (Discurso do Presidente Bush na noite de 11/09)<sup>89</sup>

“A América já *derrubou* inimigos antes,...

A nação-pessoa quando se sente ameaçada tem o direito de avaliar a forma como se defenderá do inimigo até mesmo procurando amigos, aliados para se fortalecer, se for caso:

– “...”, Lord Robertson added: “The country attacked *has to make decisions*, it has to be the one *that asks for help*. The United States *is still assessing the evidence* available. They are the one *to make that judgment*.”<sup>92</sup>

O herói, assim, estava pronto para a retaliação. No entanto, a configuração do inimigo não estava clara. Como justificar apenas um “estado de guerra”, como vimos anteriormente, (“we are at war”), mas com real ataque militar, com todos os seus custos, se o outro extremo do cenário (o inimigo), o alvo da ação do herói, não havia sido definido?:

– “It is important, as we battle this *enemy*, to conduct ourselves that way.” (Presidente Bush com repórteres em uma entrevista telefonada com o governador e o prefeito de Nova Iorque)<sup>94</sup>

“É importante, enquanto lutamos contra este *inimigo*, nos conduzirmos desta maneira”.

A preposição “against” (contra) após o verbo “battle” (bata-lhar, lutar) caracterizaria o inimigo: terrorismo, inimigo, os responsáveis pelo ataque e “mal-feitores”. Como (contra) atacar militarmente inimigos tão vagos?

---

<sup>89</sup> NYT, National Desk, *A Day Of Terror: Bush's Remarks to the Nation on the Terrorist Attacks*, 12/09/01 (Late edition – Final, Section A, Page 4, Column 1).

<sup>92</sup> NYT, National Desk, *After The Attacks: The Alliance; For First Time, NATO Invokes Joint Defense Pacat With U.S.*, 12/09/01 (Late edition – Final, Section A, Page 17, Column 5).

<sup>94</sup> NYT, National Desk, *Excerpts From President's Remarks Into Investigation Into Attacks*, 14/09/01 (Late edition – Final, Section A, Page 18, Column 1).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A ocupação desse lugar desconfortavelmente indefinido deuse, em primeiro lugar, por meio da nomeação de um vilão concreto e da organização de que era líder:

– “Mr. Cheney, Mr. Rumsfeld and Mr. Powell all said,...*that evidence pointed out to Mr. bin Laden and his AlQaeda organization as responsible for last week’s attacks.*” (Falas do Sr. Cheney, Sr. Rumsfeld e Sr. Powell, Vice-Presidente, Secretário de Defesa e Secretário de Estado, respectivamente)<sup>100</sup>

O ciclo do Conto de Fadas não pode ainda justificar uma ação militar, considerando que o inimigo, mesmo agora, supostamente identificado, não pode ser, de fato, atacado militarmente. Esse dilema é resolvido quando uma nação, o Afeganistão, por meio de seus líderes talibãs, coloca-se como “protetora-guardiã” dos inimigos. Assim:

– But American intelligence officials believe that *Mr. bin Laden’s ties with the Taliban are increasingly close* and that his freedom of movement may have increased in recent months.<sup>102</sup>

Mas membros da inteligência americana acreditam que os laços do Sr. bin Laden com o Talibã estão se estreitando e que sua liberdade de movimento pode ter aumentado nos últimos meses.

O cenário Conto de Fadas, para se justificar uma guerra, é assim, rapidamente, configurado em todos os elementos essenciais, sugeridos por Lakoff (1991).

“*Um ato criminoso é cometido (ataque do 11/09) por um vilã (bin Laden/Al Q’aeda, que não podem ser diretamente atacados; Talibãs / Afeganistão, que podem ser atacados) contra uma vítima (pessoas que morreram no 11/09, povo americano, nação americana, EUA) e o herói (EUA), sozinho ou com ajudantes (aliados)*” (Lakoff, 1991, p. 5, parênteses nossos).

A ação-resposta militar “literaliza”, dessa forma, o cenário de guerra:

– “President Bush told the American military today to get ready for a long war.”<sup>106</sup>

---

<sup>100</sup> NYT, National Desk, *After The Attacks: The White House; Bush Warns of a Wrathful, Shadowy and Inventive War*, 17/09/01. (Late Edition – Final, Section A, Page 2, Column 1).

<sup>102</sup> NYT, National Desk, *A Day Of Terror: The Afghans; Condemning Attacks, Taliban Says bin Lasden Not Involved*, 12/09/01 (Late Edition – Final, Section A, Page 23, Column 3).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

“O Presidente Bush disse aos militares hoje para ficarem de prontidão para *uma guerra longa*....”

– The administration, however, is preparing a powerful military *strike*...<sup>107</sup>

A administração, entretanto, está preparando um *ataque* militar poderoso...

O presidente Bush admite que há um lugar onde essa guerra se desenvolve:

– The Pentagon is surveying a host of unattractive military options as officials seek to fulfill presidential and public expectations to *strike back* quickly and decisively.<sup>108</sup>

O Pentágono está pesquisando uma quantidade de opções militares impopulares, na medida em que funcionários procuram satisfazer as expectativas presidenciais e do povo de revidar com *ataque* rápido e decisivamente.

Mesmo havendo vozes que questionam a legitimidade deste cenário:

– “... Anna Lindh and Joschka Fischer, both suggested that *it was early to talk of military action* when so little was known about the origins of the attacks.” (Os ministros da Relações Exteriores da Suécia e Alemanha, respectivamente)<sup>109</sup>

“... Anna Lindh e Joschka Fischer sugeriram que *era cedo para se falar de ações de guerra* quando tão pouco se sabia das origens dos ataques.”

A invasão foi tão bem justificada por meio de enquadramento conceptual e discursivamente bem sucedida que recebeu forte apoio internacional:

---

<sup>106</sup> NYT, National Desk, *After The Attacks: The Overview; Long Battle Seen*, 16/09/01 (Late Edition – Final, Section 1, Page 1, Column 6).

<sup>107</sup> NYT, Foreign Desk, *After The Attacks: the Strategy; A New War And Its Scale*, 17/09/01 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 4).

<sup>108</sup> NYT, Foreign Desk, *A Nation Challenged: Washington; Bush's Advisers Split on Scope Of Retaliation.*, 20/09/01 (Late Edition-Final, Section A, Page 1, Column 5).

<sup>109</sup> NYT, National Desk, *After The Attacks: the Alliance; For The First Time, NATO Invokes Joint Defense Pact With U.S.*, 13/09/01 (Late edition – final, Section A, Page 17, Column 5).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

– Belgium's prime minister, Guy Verhofstadt, said *European states were now prepared to join military actions* "against states harboring or supporting terrorists."<sup>112</sup>

O Primeiro Ministro da Bélgica, Guy Verhofsdat, declarou que *os Estados estavam agora preparados para se integrarem em ações militares* "contra estados que acolhem e apoiam terroristas."

Dessa forma, acredito que a primeira ação/reação concreta de retaliação (invasão do Afeganistão) foi em grande parte justificada e recebeu apoio maciço do povo americano por ter sido legitimada por meio da construção conceptual e discursiva de um cenário de guerra estruturado, fundamentalmente, pela metáfora do Conto de Fadas (Lakoff, 1991).

### AINDA A GUERRA NAS PALAVRAS: O CASO DO IRAQUE

A análise crítica da metáfora parte do pressuposto de que o contexto sócio-histórico não só define como em grande parte é definido pelo discurso e pelas estruturas sócio-cognitivas, incluindo a metáfora conceptual, que subjazem a ele (Lakoff e Johnson, 1980/2002; Charteris - Black, 2004, 2005 e Musolff, 2004).

Por essa razão não posso deixar de situar historicamente, mesmo que o recorte apresentado não seja exaustivamente detalhado e aprofundado, os acontecimentos a que as metáforas aqui enfocadas se referem.

Como é sabido, o ataque ao Afeganistão não cumpriu com o seu suposto objetivo, que era capturar o mentor dos atos criminosos de 11/09. No entanto, esta ofensiva militar não foi resignificada como um fracasso: o governo Bush argumentou que a desestabilização do regime talibã muito contribuiria para o desmantelamento da rede Al'Qaeda, organização terrorista liderada por Osama bin Laden e, supostamente, envolvida diretamente nos ataques de 11/09 (Mann, 2003).

No que diz respeito à reestruturação do sistema metafórico do Conto de Fadas, a partir do resultado, a princípio frustrante do ponto

---

<sup>112</sup> NYT, Foreign Desk, *A Nation Challenged: Cooperation; U.S. Sanctions On Islamabad Will Be Lifted.*, 22/09/01 (Late Edition – final, Section A, Page 1, Column 5).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

de vista da “retaliação” promovida pelo herói, houve um deslocamento do eixo “vítima”. O herói continuava o mesmo (EUA), mas a figura da vítima deixou de ser representada apenas pela nação americana, passando a incluir o próprio povo afegão, supostamente oprimido pelo regime talibã (o inimigo). No cenário do Conto de Fadas, o subcenário “resgate” (libertar as vítimas: os afegãos) substituiu o subcenário “retaliação”, que, originalmente motivou “a resposta militar” (*ibid*).

A mudança (ou re-enquadramento) de subcenários (resgate/retaliação) e dos eixos principais do sistema metafórico do Conto de Fadas (ato criminoso/ameaça – vítima – vilão – herói) parece ter sido também uma característica do discurso que justificou a guerra do Iraque, que sucedeu a do Afeganistão.

Como vimos na análise anterior, a relação, cognitiva e discursivamente justificada, entre a ofensiva militar no Afeganistão e o 11/09, era muito clara no cenário Conto de Fadas: a vítima/herói iria capturar o vilão e assim promover a retaliação.

No caso da ofensiva militar no Iraque, o cenário não parecia ser tão propício a um enquadramento neste sistema metafórico. E parto da convicção de que, sem um enquadramento neste sistema, a guerra dificilmente se justifica, pelo menos na cultura ocidental, que compartilha os pressupostos da guerra “literal” (Clausewitz, 2003) e da guerra “metafórica” (Lakoff, 1991).

Não me cabe aqui tecer considerações sobre as razões “reais” que levaram os EUA a invadir o Iraque: há teorias que as situam dentro de um grande projeto de “Império”, (Chomsky, 2004; Mann, 2003) ou que as vinculam a interesses econômicos e geopolíticos envolvendo o petróleo iraquiano (Moore, 2004). Parto do pressuposto, porém, de que a decisão do governo Bush de invadir o Iraque (que parece ter tido motivações inclusive antes do 11/09, Mann, 2003) beneficiou-se do “clima de medo” nos EUA gerado a partir do 11/09 (Chomsky, 2004).

A guerra do Iraque, no entanto, requereu uma justificativa bem mais elaborada do que a do Afeganistão. Uma evidência disso é que, ao contrário dessa última, que foi legitimada pelo Conselho de Segurança da ONU e obteve apoio da maior parte dos países ociden-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

tais, a ofensiva americana no Iraque não foi sancionada pela ONU e foi apoiada por um número bem menor de aliados:

– Secretary General Kofi Annan warned today that if the United States fails to win approval from the Security Council for an attack on Iraq, *Washington's decision to act alone or outside the Council would violate the United Nations charter.*<sup>114</sup>

O Secretário Geral Kofi Annan advertiu hoje que se os Estados Unidos não *conseguir* aprovação do Conselho de Segurança para um ataque ao Iraque, *a decisão de Washington de agir sozinho ou fora do Conselho violaria a Carta das Nações Unidas.*

– ..., Foreign Minister Igor S. Ivanov of Russia said “*not one of these decisions authorizes the right to use force against Iraq outside the United Nations charter.*”<sup>116</sup>

..., o Ministro das Relações Exteriores Igor S. Ivanov da Rússia disse que “*nenhuma dessas decisões autoriza o direito de usar força contra o Iraque sem o aval da carta das Nações Unidas.*”

Mas como justificar cognitiva e discursivamente a decisão de invadir o Iraque? Novamente, podemos observar como o sistema metafórico do Conto de Fadas é, para isso, acionado.

Em primeiro lugar a triangulação vítima – vilão- ato criminoso não estava absolutamente nítida. Quem era a vítima do estado iraquiano? Temos aqui duas possibilidades que foram discursivamente exploradas por Bush e seus colaboradores:

### CENÁRIO 1:

Vítima: o próprio povo iraquiano (oprimido pelo regime imposto por um ditador)

Vilão: Saddam Hussein

Ato Criminoso: tirania/opressão

---

<sup>114</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats and Responses: United Nations; Ann Says U.S. Will Violate Charter if It Acts Without Approval*, 11/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 10, Column 1)

<sup>116</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: United Nations; Critics Say U.S. Lacks Legal Basis for Attack*, 20/03/03 (Late Edition-Final, Section A, Page 19, Column 1)

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Herói: (o libertador: os EUA)

Subcenário: resgate (do povo iraquiano, estabelecimento da democracia).

Esse cenário, com todos os seus elementos cognitivos, foi marcado discursivamente:

– “Mr. Bush also reiterated the argument... the installation of a democratic government in Iraq may act as a catalyst for the *spread of democracy in a region dominated by autocratic governments*, many of them American allies.” (Atribuído ao Presidente Bush)<sup>117</sup>

“O Sr. Bush reiterou o argumento... a instalação de um governo democrático no Iraque pode agir como um catalisador para *espalhar (difundir) a democracia em uma região dominada por governos autocratas*, muito deles aliados americanos.”

– Aircraft packed with radio transmitters.... “We are fighting for a just cause to liberate a persecuted people, and to guarantee the American people’s security,” the broadcast said.<sup>120</sup>

Um avião C-130 equipado com transmissores de rádio.... “Estamos lutando por *uma causa justa para liberar um povo perseguido*, e para garantir a segurança do povo americano,” informou o comunicado.

Esse cenário, entretanto, que coloca os EUA como herói, representante da democracia, como em uma “cruzada” iria libertar o povo oprimido pela tirania, ainda não justificaria, sozinho, a ida à guerra. Afinal, este cenário excluía a possibilidade dos EUA como vítima (real ou em potencial), em um cenário resgate. E países, a princípio, não invadem outros países para interferir apenas em questões internas. Esta possibilidade, apesar de presente em outros momentos históricos, não mais justifica, na cultura das democracias ocidentais contemporâneas, uma ofensiva militar (Mann, 2003).

Um outro cenário é então, paralelamente, ativado; um cenário que, ainda dentro do sistema metafórico do Conto de Fadas, possa contemplar a possibilidade de enquadrar os EUA como vítima, mesmo que em potencial.

---

<sup>117</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats and Responses: The President; President Readies U.S. For Prospect Of Imminent War*, 07/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 6).

<sup>120</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: The Troops; War Imminent as Hussein Rejects Ultimatum*, 19/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 6)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Nesse enquadramento, o vilão continua sendo Saddam Hussein, mas o ato criminoso não mais seria a sua tirania contra o povo iraquiano, e sim o possível ataque a países vizinhos e ao próprio mundo ocidental por meio das chamadas armas de destruição em massa (ADM), supostamente escondidas pelo ditador. Se ele não as entregasse, o Iraque seria atacado pelo herói (EUA). Nesse caso, o subcenário seria de retaliação, e não mais de resgate.

### CENÁRIO 2:

Vítima: (em potencial): países vizinhos, mundo ocidental, EUA

Vilão: Saddam Hussein

Ato Criminoso: (em potencial): presença de ADM

Herói: (os EUA)

Subcenário: retaliação

– One American diplomat said... Mr. Blix arrive in Baghdad,... and simply demand that Iraq *present its weapons*....<sup>121</sup>

Um diplomata americano disse... o Sr. Blix chegasse em Bagdá,... e simplesmente exigisse que o Iraque *entregasse suas armas*....

– Some administration officials said they hoped that efforts might still highlight *Iraq's many failures to disarm*.<sup>122</sup>

Alguns funcionários da administração disseram que esperavam que os esforços pudessem ressaltar as muitas tentativas de *desarmamento do Iraque*.

– The administration has assigned top priority to the hunt for *weapons of mass destruction*, officials said.<sup>125</sup>

---

<sup>121</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: United Nations; To White House, Inspector Is Now More a Dead End Than a Guidespot*, 02/03/02 (Late Edition – Final, Section 1, Page 13, Column 1)

<sup>122</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: United Nations; To White House, Inspector Is Now More a Dead End Than a Guidespot*, 02/03/02 (Late Edition – Final, Section 1, Page 13, Column 1)

<sup>125</sup> NYT, Foreign Desk, *Disarming Saddam Hussein; Teams of Experts to Hunt Iraq Arms*, 19/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 1)

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

A administração determinou prioridade máxima na caça às *armas de destruição de massas*, funcionários declararam.

O herói torna-se a vítima em potencial:

– “President Bush prepared the country tonight... against Iraq, declaring that Saddam Hussein *posed a direct threat to the security of the United States...*” (Fala do Presidente Bush)<sup>127</sup>

“O Presidente Bush preparou o país hoje à noite... contra o Iraque, declarando *que Saddam Hussein é uma ameaça direta à segurança dos Estados Unidos...*”

A justificativa do ataque ao Iraque se delinea a partir da recusa do “vilão” de abrir mão daquilo que supostamente tornaria real o ato criminoso: as ADMs. Essa aparente recusa enquadra-se no cenário como o “ato criminoso”, dando a entender que a guerra em eminência poderia ser evitada pelo próprio vilão.

– Mr. Bush... saying clearly that Mr. Hussein *had to go*. He also... invited Mr. Hussein to exile himself. “That’d be fine with me, just *so long as Iraq disarms after he’s exiled.*” (Fala do Presidente Bush)<sup>131</sup>

O Sr. Bush... dizendo claramente que o Sr. Hussein *tinha* de ir. Ele também... convidou o Sr. Hussein a ele mesmo se exilar. “Tudo bem comigo, desde que o Iraque *se desarme* depois que ele se exilar.”

A suposta recusa, assim, justifica o cenário “retaliação” como “autodefesa”:

– The president put the United States on heightened alert for terrorist reprisals and prepared the American people for *a war he said was an act of self-defense* against a country that had ties to terrorists and was still trying amass, hide and develop biological, chemical and nuclear weapons”. Instead of drifting along toward tragedy, we will set a course toward safety,” Mr. Bush said.<sup>135</sup>

O presidente colocou os Estados Unidos em alta alerta face às respostas terroristas e preparou o povo americano para *uma guerra que ele disse ser um ato de autodefesa* contra um país que tinha laços com terroristas e ainda estava tentando acumular, esconder e desenvolver armas

---

<sup>127</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats and Responses: The President; President Readies U.S. for Prospect of Imminent War*, 07/03/03 (Late Edition-Final, Section a, Page 1, Colun 6).

<sup>131</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats and Responses: The President; President Readies U.S. for Prospect of Imminent War*, 07/03/03 (Late Edition-Final, Section A, Page 1, Column 6).

<sup>135</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: The President; Bush Gives Hussein 48 Hours, and Vows to Act*, 18/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 6)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

biológicas, químicas e nucleares.”Ao invés de ficar à deriva entregue a uma tragédia, nós nos conduziremos à segurança”, ele declarou.

Mas o subcenário “resgate”, com o povo iraquiano como vítima, não é descartado, complementando o quadro de justificativas. São dois cenários metafóricos que, juntos, emolduram cognitiva e discursivamente a justificativa da invasão do Iraque:

– To the Iraqi people, Mr Bush gave notice that he would soon begin an invasion that he said would liberate them from a murderous regime, and to the Iraqi military he issued a stark warning against using chemical and biological weapons or destroying their nation’s oil wells.<sup>136</sup>

Ao povo iraquiano, o Sr. Bush avisou que ele muito em breve começaria uma *invasão que os libertaria de um regime assassino, e ao militarismo iraquiano fez um duro alerta contra o uso de armas químicas e biológicas* ou destruição de seus poços de petróleo.

Devido à fragilidade do novo cenário “retaliação”, que dependia da configuração das ADMs como “ato criminoso”, mas cuja real existência estava longe de ser comprovada (os inspetores da ONU nada encontraram em território iraquiano), tanto a ONU quanto os países, mesmo os tradicionais/aliados, e até mesmo políticos e cidadãos americanos posicionaram-se contra a guerra:

– ... President Hosni Mubarak of Egypt. In remarks broadcast on Monday night, he implored the United States not to undertake military action that might kill innocent civilians, *divide* Christians against Muslims and further inflame attitudes against American policy in the region.<sup>137</sup>

...o Presidente Hosni Mubarak do Egito. Nas suas considerações irradiadas na segunda-feira à noite, ele implorou aos Estados Unidos que não desempenhassem uma ação militar que pudesse matar civis inocentes, dividir Cristãos contra Muçulmanos e ainda excitar atitudes contra a política americana na região.

Apesar desse clima desfavorável, os EUA e seus poucos aliados invadem o Iraque, literalizando, mais uma vez a guerra:

---

<sup>136</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: The President; Bush Gives Hussein 48 Hours, and Vows to Act*, 18/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 6).

<sup>137</sup> NYT, Foreign Desk, *A Nation Challenged: The Diplomacy; World Leaders List Conditions On Cooperation*, 19/09/01 (Late Edition-Final, Section A, Page1, Column 2).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

– “Prime Minister John Howard of Australia authorized troops from his country to fight alongside the American and British against Iraq”.<sup>148</sup>

O Primeiro Ministro da Austrália John Howard autorizou tropas de seu país a lutar junto às tropas americanas e britânicas contra o Iraque.

A fragilidade do cenário “retaliação” é logo evidenciada. As armas não são encontradas, deixando claro a construção discursiva daquele enquadramento. Resta apenas o cenário “resgate”. Saddam Hussein é preso e a “democracia” supostamente estabelecida com as eleições de 2004. A vítima libertada pelo herói, entretanto, não legitima o resgate, mostrando em vários conflitos internos a vulnerabilidade da democracia imposta. Os cenários metafóricos justificaram a invasão, mas não foram suficientes para garantir ao herói a plena vitória. Não se pode dizer que houve qualquer resgate ou retaliação.

Esta referência direta à guerra como cruzada foi criticada pelos assessores do presidente, que julgaram politicamente inadequado usar o mesmo conceito de “guerra santa” (e seu equivalente islâmico “jihad”), tão fortemente associado à motivação religiosa dos terroristas para os ataques:

– “The signed statement attributed to Mr. bin Laden referred to a “new Jewish-Christian crusader campaign that is led by the chief crusader Bush under the banner of the cross.” It said, “we ask God to make us defeat the infidels and oppressors and to crush the new Jewish-Christian crusader campaign on the land of Pakistan and Afghanistan.”<sup>163</sup>

O documento assinado e atribuído ao Sr. Bin Laden referiu-se a “uma nova campanha de uma cruzada judaica-cristã que é liderada pelo cruzador chefe, Bush, sob a bandeira da cruz”. Dizia o documento: “Pedimos a Deus que faça com que derrotemos os infiéis e opressores e que esmaguemos a nova campanha de uma cruzada judaica – cristã na terra do Paquistão e Afeganistão”.

Isso explica o fato de o Presidente Bush não ter mais se referido a sua retaliação como “cruzada” (Rocha, no prelo).

Marcas de outras metáforas referentes à guerra podem ser encontradas no corpus, como *proteção é escudo*:

---

<sup>148</sup> NYT, Foreign Desk, *Threats And Responses: The President; Bush Gives Hussein 48 Hours, and Vows to Act*, 18/03/03 (Late Edition – Final, Section A, Page 1, Column 6)

<sup>163</sup> NYT, Foreign Desk, *A Nation Challenged: The Neighbor; U.S. Officers Are Meeting In Islamabad On War Plans*, 25/09/01 (Late Edition – Final, Section B, Page 1, Column 1)

– "... and the air force took additional measures to shield both cities, said Aleksander Drobyshesky, an air force spokesman."<sup>164</sup>

...e a força aérea tomou mais medidas para proteger (escudar) ambas as cidades, disse Aleksander Drobyshesky, um porta-voz da força aérea.

No entanto, apesar de evidenciar a nítida tendência, da metáfora, de mapear cognitivamente um domínio alvo, mais vago e abstrato a partir de um domínio fonte mais concreto (Lakoff e Johnson, 1980/2002), essas metáforas não parecem ser relevantes para a nossa análise crítica da metáfora. Esses tropos não parecem fazer parte de uma estrutura ideológica que sustenta os enquadramentos aqui enfocados que, como a análise aqui desenvolvida parece ter evidenciado, estruturam, em grande parte, o discurso do Presidente Bush e de seus colaboradores, discurso esse que ajudou a promover a justificativa das ofensivas militares após os acontecimentos de 11 de setembro.

## CONCLUSÃO

Este texto teve como proposta entender o papel e o funcionamento de algumas metáforas conceptuais e cenários que, de acordo com a nossa hipótese de trabalho, subjazem ao discurso político do Presidente Bush e de seus colaboradores em torno dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e de seus desdobramentos bélicos: ou seja, as guerras do Afeganistão e do Iraque. Para isso, uma análise de um corpus com trechos desse discurso, retirados de artigos publicados no jornal *The New York Times* publicados durante o período enfocado, foi desenvolvida.

A justificativa para a ofensiva militar, tanto no Afeganistão quanto no Iraque, se deu através do sistema metafórico "Conto de Fadas", que, como pôde ser observado nos dados, mostrou-se como o enquadramento conceptual mais central nesse processo. No primeiro caso, foi necessário mapear os elementos básicos do Conto de Fadas: o ato criminoso, o vilão (os Talibãs, assim enquadrados, metonimicamente, por, supostamente, abrigarem bin Laden e darem apoio logístico à organização Al Qaeda), a vítima (os EUA) e o herói (os

---

<sup>164</sup> NYT, National Desk, *A Day Of Terror: The Threat; Bush Aides Say Attacks Don't Recast Shield Debate*, 12/09/01 (Late Edition-Final, Section A, Page 24, Column 4).

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

EUA.). Esse subcenário de retaliação deu lugar ao subcenário resgate, em que o lugar da vítima é ocupado pelo próprio povo Afegão, oprimido pelo vilão: os Talibãs.

A análise mostrou também como um cenário semelhante enquadrado cognitivamente e linguisticamente a justificativa para a guerra do Iraque. Com a introdução do elemento “armas de destruição em massa” (ADM) o cenário do *Conto de Fadas* se estabelece, apoiado em dois subcenários. O primeiro seria o de retaliação, em que a vítima em potencial seriam os países vizinhos e, em última análise, os países ocidentais, e o ato criminoso um possível ataque com as ADMs e/ou a recusa de entregá-las, se é que existiam. O segundo seria o do resgate, em que a vítima seria o povo iraquiano e o ato criminoso a tirania do ditador sobre seu povo. Em ambos subcenários, o vilão e o herói seriam os mesmos: Saddam Hussein e os EUA e seus aliados, respectivamente.

Em ambos os cenários, a metáfora *nação é pessoa* aparece marcada linguisticamente com frequência, mostrando ser central na construção de um enquadramento conceptual de guerra. Esta metáfora, muito usada no cenário Conto de Fadas, enquadra, principalmente, os EUA como pessoa/vítima, pessoa/herói e seus aliados como pessoas amigas. Essa metáfora, como argumenta Lakoff, (1991) ressalta o esforço para que o povo, metonimicamente marcado como nação, se veja como uma unidade, escondendo assim a complexa estrutura social interna desse mesmo país. O autor afirma que, em momentos de guerra, esconder essa complexidade, da qual fariam parte elementos como “composição étnica, rivalidade religiosa, partidos políticos, meio-ambiente, e a influência do militarismo e empresas multinacionais” (1991, p. 3), ajuda a promover a unidade almejada pelos líderes. Sob a perspectiva dessa metáfora, guerra torna-se uma “luta entre duas pessoas, uma forma de combate mão-a-mão” (*ibid.*), cenário que esvazia os embates internos e aciona os antagonismos intersubjetivos que as pessoas experienciam no seu dia a dia.

Ao propor, por meio da análise aqui desenvolvida, enquadramentos metafóricos (metáforas conceptuais, sistemas metafóricos e cenários) que subjazem às falas que constituíram o corpus da pesquisa, entendo que, ao mesmo tempo, pretendo revelar as ideologias que motivam esses enquadramentos e os discursos dele provenientes.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

No que diz respeito, ao discurso político propriamente dito, a questão ideológica parece se revelar mais nitidamente; afinal, a política, em sociedades democráticas, se faz, essencialmente, pelo uso da linguagem, já que o seu uso tem claros efeitos na ação política: “o poder é expresso pela palavra falada ou escrita e não pelo chicote, corrente ou revólver” (Charteris-Black, 2005, p. XI).

Enquadramentos cognitivos são marcados discursivamente, caracterizando o nível micro da política, ou seja, a persuasão, argumentos racionais e manipulação (Jones, 1994). Assim, caracterizar o evento de 11/09 como um ato de guerra, tratar a nação como uma pessoa e justificar, cognitiva e linguisticamente as ofensivas militares a partir do cenário do Conto de Fadas têm uma motivação ideológica e efeitos políticos nítidos. Isso se dá pelas metáforas que se fazem presentes nos discursos políticos por omitirem importantes aspectos do que é real, persuadirem por meios pacíficos e refletirem um sistema compartilhado de crenças sobre o mundo e sobre o lugar da humanidade nesse mundo (Charteris-Black, 2005, XII, p. 20). Por isso, é essencial que saibamos que realidades elas estão omitindo e quais estão ressaltando.

No entanto, as metáforas aqui enfocadas não são apenas fruto de uma ideologia originada no pensamento de determinados grupos políticos e usadas, retoricamente, em discursos isolados. As metáforas não refletem a operação de estruturas mentais ou estratégias discursivas individuais, mas, principalmente, são motivadas por diferentes modelos culturais.

Nessa perspectiva, as metáforas de guerra refletem também modelos culturais. Lakoff e Johnson, por exemplo, acreditam que ao usarmos expressões como “atacar uma posição”, “nova linha de ataque”, “vencer”, “ganhar terreno”, etc., estamos sistematizando a linguagem usada para falar do conceito de guerra e que, no mundo ocidental, tais expressões fazem parte do ato de discutir (Lakoff & Johnson, 1980) Zanotto *et alii*, 2002, p. 07; Kövecses, 2002, p. 74-75).

Assim, a inseparabilidade da mente, do corpo, da ideologia e de modelos culturais implica uma visão de metáfora em que esta emerge da interação entre todos esses fatores.

## QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Acredito, assim, que este estudo tenha contribuído para a pesquisa na área da metáfora em geral e, mais especificamente, para a compreensão do papel da metáfora no discurso, entendendo discurso aqui como a instância onde a cognição, a cultura e a ideologia se manifestam linguisticamente. O território à frente ainda é bastante vasto, denso e de difícil acesso: mas como viajante (*a vida é uma viagem*) espero que desenvolvamos instrumentos cada vez mais eficazes para explorá-lo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLACK, M. *Models and Metaphors*. Ithaca, NY: Cornell U. Press, 1981.

CHARTERIS-BLACK, *Politicians and Rhetoric*. London: Palgrave, 2005.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus approaches to critical metaphor analysis*. London: Palgrave MacMillan, 2004.

CHILTON, P.; LAKOFF, G. *Foreign policy by metaphor*. In: SHAFFNER, C.; WENDEN, A. L. (eds.) *Language and Peace, Brookfield, VT: Dartmouth, 1995. p.37-59*.

CHOMSKY, N. *Ambições imperiais*. Rio de Janeiro, 2005.

———. *Metaphor in Culture: universality and variation*. Cambridge: C.U.P., 2005.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford U. Press, 2002.

KÖVECSES, Z. *Emotion concepts*. New York: Springer-Verlag, 1990.

———. *Metaphor and war: the metaphor system used to justify war in the gulf*. An open letter to the Internet. The Metaphor Home Page, [www.compapp.decu.ie/~tonnyv/metaphor.html](http://www.compapp.decu.ie/~tonnyv/metaphor.html), 1991.

———. *More about Metaphor*. In: ORTONY, A. *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, 1993, p.19-41.

———. *War on Terror, Rest in Peace*. <http://www.alternet.org/story/23810>, 2005.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

———. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Harvard University Press, 1980.

MOORE, M. *The Official Fahrenheit 9/11 Reader S*. New York: Simon & Schuster, 2004.

MUSOLFF, A. *Metaphor and Political Discourse: analogical reasoning in debates about Europe*. London: Palgrave Macmillann, 2004.

———. Language, Figurative Thought, and Cross-Cultural Comparison. In: *Metaphor and Symbol*, 18(4), 311-320, Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2003.

ROHRER, T. The metaphorical logic of (political) rape revisited: The New Wor(l)d Order. *Metaphor and Symbolic Activity*, V.10, nº 2, Spring, 1995.

STEEN, G. J. *Understanding Metaphors in Literature: an Empirical Approach*, NY, London: Longman, Publishing, 1994.